



Mia Couto, *O Universo num Grão de Areia*

(Alfragide, Editorial Caminho, 2019, 270 pp. ISBN 978-972-21-3008-0)

por Elena Soressi

O novo livro do biólogo e escritor moçambicano Mia Couto, publicado em outubro de 2019, é uma coletânea de 26 textos, entre ensaios e comunicações, previamente publicados em revistas ou lidos em conferências de 2009 a 2019, e abrange temas diversificados, desde a literatura à biologia e analisa problemáticas atuais, moçambicanas e internacionais. Há intervenções para vários seminários e palestras, como o texto para o Festival de Cultura Negra de 2010 do Rio de Janeiro, intitulado “A África que encontro no Brasil”, o texto “Esta África que não é”, lido por ocasião da Conferência de 2016 no Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona, ou o discurso para o Seminário África, Literatura e Contemporaneidade organizado pela Universidade de São Paulo em 2018, intitulado “A cama e o como”.

Encontram-se também textos escritos por ocasião da publicação de livros, como “Um tempo jovem e envelhecido”, escrito em 2013 para a apresentação em Maputo do livro *O Tempo da Juventude* de Alcinda Honwana, “Aprender a sonhar” escrito em 2015 para o livro póstumo do pai, Fernando Couto, intitulado *Uma Voz Cheia de Vozes*, “Reis e rainhas no império do sonho” escrito em 2014 por ocasião da apresentação em Lisboa do romance *A Rainha Ginga*, de José Eduardo Agualusa. Há algumas homenagens, como “O homem sem ausência”, escrito em 2011 para o pintor Malangatana, ou “O oprimido que libertou o opressor” dedicado a Nelson Mandela, “mestre de humanidade”, e publicado na revista *Índico*.

Encontram-se, ainda, as crônicas publicadas no jornal *O País* em 2011: “O peso do vazio”, “Olhar para dentro de nós”, “A sombra e o sol de Samora” e o texto “Uma segunda alma”, publicado a 7 de maio de 2019 no *The Times*, escrito após a viagem que Mia Couto



fez aquando do ciclone que, em março de 2019, se abateu sobre a cidade natal do escritor, a Beira. Esse texto consta de uma vívida consideração sobre o desastre ambiental, mas sobretudo reverte o foco da reflexão: a Beira, cidade moçambicana que se poderia considerar como passivo recetor de ajuda, torna-se sujeito promotor de solidariedade.

Ademais, há intervenções que surpreendem pelo contexto eclético no qual se inserem como “Um olhar sobre a Justiça em Moçambique”, que foi escrito por ocasião da palestra proferida a 11 de julho de 2018, na Associação dos Juristas Moçambicanos ou “Tchaïssa Nguezi”, intervenção para a Conferência de Abertura do Brain Congress em Porto Alegre, em 2017.

Esta variedade reflete a pluralidade que caracteriza a identidade do autor, que se autodefine como “criatura de múltiplas fronteiras”, e pode ser pensada também como a síntese fértil da coletânea de escritos em questão: da multiplicidade que caracteriza *O Universo num Grão de Areia*, resulta uma flagrante unidade. O escritor consegue pensar e imaginar (possíveis facetas do mesmo gesto), repensar, antes de mais, o mesmo pensamento, que deixa de ser codificado por antagonismos dicotômicos.

Os textos de *O Universo num Grão de Areia*, escritos na sua maioria para serem lidos para um auditório, mantêm a marca da comunicação oral, definida pelo tom coloquial e a presença de algumas pequenas repetições entre uma intervenção e outra. Além disso, alguns dos fragmentos de discursos presentes nesse livro foram gravados e publicados nas redes sociais, ganhando um sucesso notável, como a comunicação do ciclo de palestras internacionais “Fronteiras do Pensamento”, apresentada por ocasião da palestra em Porto Alegre de 2012: “Repensar o pensamento redesenhando fronteiras”. Aí, as considerações sobre a palavra ‘fronteira’ levam a uma proposta de leitura do vocábulo a partir do ponto de vista da estrutura biológica do mundo, em que as fronteiras são “entidades orgânicas, vivas, permeáveis”, fornecendo um interessante estímulo para repensar os limites que impedem essa permeabilidade.

Em “Murar o medo”, intervenção que foi enunciada em Portugal para as Conferências do Estoril, em 2011, a reflexão é uma crítica límpida à fabricação de inimigos e à constante reinvenção de “geografias do medo”. Ademais, “O livro que era uma casa”, discurso proferido como Oração de Sapiência por ocasião da atribuição a Mia Couto do Doutorado Honoris Causa pela Universidade Politécnica de Maputo em 2016, é uma lição de tolerância e inclusão, que desconstrói o discurso do medo alimentado pelo desconhecimento e pela generalização:

Aprendemos com os meus pais que só há um caminho perante esta facilidade de rotularmos e sermos rotulados. Esse caminho é mergulhar nos outros, sem medo de deixar de ser quem somos. É saber que ninguém tem, à partida, uma identidade acabada e definitiva. Cada um é a sua própria história, cada homem é a humanidade toda inteira.

Em “Carta ao Presidente Jacob Zuma”, escrito a 17 de abril de 2015 como reação a violentas manifestações de xenofobia para com cidadãos moçambicanos, na África do Sul, a crítica surge com veemência contra a violência racial, e com incredulidade e desilusão face à solidariedade que Moçambique mantivera ao longo da luta contra o apartheid. Ainda, em “Plantadores de esquecimento”, dedicado a Marielle Franco e



Anderson Gomes, e proferido em 2018 por ocasião do lançamento em São Paulo de *O Bebedor de Horizontes*, Mia Couto afirma-se contra a justificação tanto da violência, como do esquecimento.

Particularmente revelador, “Tchaïssa Nguezi” é ao mesmo tempo o nome de um homem moçambicano, caçador, xamã e médium Matsua, e o título da última intervenção do livro. Trata-se de um texto capaz de “desemparedar o pensamento”, considerado como algo que pertence também à “ordem relacional”, superando a dicotomia entre ciências e humanidades. Ao relatar a sua experiência como jovem estudante com “défice de existência”, Mia Couto afirma que o seu terapeuta foi Fernando Pessoa:

Os versos de Fernando Pessoa não mexeram com a minha adolescência apenas como produção literária. O que me salvou foi a poesia como sobrevivência de um outro modo de pensar. Foi a permanência de uma linguagem metafórica, de uma lógica que autoriza e eterniza a infância.

Em *O Universo num Grão de Areia*, os relatos vividos por Mia Couto enquanto cientista entrelaçam-se com as considerações do poeta, traduzindo-se em incontornáveis enunciações cívicas. A eloquente denúncia do autor irradia-se contra a relação de predação que sobreviveu incólume ao fim do colonialismo oficial, contra a perpetuação da violência para com todos os subordinados, contra a instituição de discursos que codificam o mundo em binários de oposições reducionistas, contra a banalização da complexidade, e contra a “tentativa organizada de desumanizar o Outro”.

Por conseguinte, o texto narrativo surge como instrumento para a constatação e a aceitação da pluralidade humana e como antídoto contra as simplificações. Deste modo, a narrativa permite conciliar a diversidade das realidades, dos tempos e de todos os grãos de areia que em si contêm universos.

Elena Soressi

Università degli Studi di Milano

soressielena93@gmail.com

I raccomandati/Los recomendados/Les recommandés/Highly recommended

N. 24 – 11/2020

ISSN 2035-7680

445